

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088
Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

O Natal da Tia Toinha

Esequiel Mesquita
emesquita@ufc.br

Tia Toinha acordava cedo todos os dias, mais cedo do que o próprio dia. Era ela quem acordava o sol e o lembrava de sua tarefa flamejante; enchia duas garrafas de café: a primeira, adoçada com açúcar, para o pai; a segunda, sem rastro de doce, para a mãe. Todos os dias, a mesma rotina: fervia a água, passava o líquido escaldante pelo pó preto, fazia os ajustes para cada um, punha na garrafa, fechava, limpava a tampa com um pano úmido; até que deixou de preparar o café amargo.

Nas vésperas, não acordou: levantou-se. Os muitos cálculos de quantidades, infinitos pratos — cozidos, assados, braseados —, tempos medidos no dedo, um arranjo sinfônico de equilíbrio entre panelas, jarras de sucos, bebidas geladas e refrescantes, tudo já mastigado pela memória e devolvido à sobriedade, anualmente.

Seguiu o dia com os braços livres, mãos ágeis no tempero, no corte, no tato; tampa, cozinha mais, essa precisa de mais tempo. Eram mais de meio século de partilha à mesa; quem comia não se alimentava apenas do prato, mas de um pedaço de carinho. Gastava o dia nessa lida incansável, farta e revigorante.

Devolveu à parede o pisca-pisca guardado dos anos anteriores, uma decoração simplória, iluminada pelo bem-querer da família que a circulava em vários traços, longos e fortes. Chegaram os primeiros; ela os recebia sempre com as mesmas asas de cuidado, conforto e carinho. Recebia os abraços com o mais profundo sentimento: gratidão. Recobrava a energia exaurida no puxado da luz do dia e se renovava para servir naquela mesa imensa, infindável, coberta de panelas alegres, fundas e altas, usadas e vencidas pelo calor.

Fartavam-se todos, menos Tia Toinha, que esperava, ansiosa, pelo próximo convívio de Natal.

Quarto sem janelas?

Jacqueline Marques Melo Cartaxo
jac.cartaxo67@gmail.com

Sim... parte da minha infância foi vivida sem ter uma janela no quarto...

Mas eu desenhei com um pedaço de tijolo branco, um quadrado representando a janela e um sol no cantinho. Assim nosso quarto tinha luz, muita luz.

Mas vamos falar das janelas que a gente coleciona em gavetas afetivas:

É que, por sorte, na casa das minhas avós tinham diversas janelas, e isso dava uma alegria imensa.

Na vovó Adauta, a janela que dava pra rua, parecia tão grande... ali, se ouvia os burburinhos da rua... vizinhos saudando o dia.

Ah... e lá na Vó Nair... que tinha janela até no pequeno corredor. Lembranças que levam a gente para um tempo tão bom. Nosso domingo ficava marcado pelo doce olhar de sempre e pela preocupação da gente não ir para o quintal.

Essa janela preenchia nosso olhar de admiração pela força da vó Nair... puxando água e quarando as roupas no varal.

As janelas, todas elas, traduzem

sorrisos, levezas e muita luz... E sabe porque eu digo isso? Porque no ano de 1975, exatos cinquenta anos, no dia 21 de dezembro minha mãe passou a ser nossa estrelinha. Minha mãe tinha apenas 32 anos e deixou 7 meninas que sentem o amor presente diariamente.

Depois da partida da mamãe, dois anos depois, o papai fez uma reforma no quarto da gente, trocando as redes por camas beliches e para nossa surpresa, uma janela e com certeza a mais linda que já debruçamos até hoje.

Lá naquela janela a gente viu pela primeira vez uma árvore de Natal de um prédio perto de casa e também o brilho daquela estrelinha chamada mãe.

Agora, o Natal tem um brilho a mais iluminando nossos caminhos. São nossos docinhos Davi e Maria Esther, uma geração que chega para acender a chama da esperança.

Maria Esther nossa guardiã de luz, fica no portão de casa como portadora de boas notícias.

Davi, nosso príncipe da paz, abrindo caminhos de prosperidade, assim como a Jade nossa pedra preciosa.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARS E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

A rotina

Ana Andrade
Ex-Correspondente O POVO

Faz com que deixemos de fazer tantas coisas. Ultimamente tenho andado assanhada por aí, não me entendam mal.

É que com o cabelo crescendo, luto para deixar as madeixas soltas em meios aos ventos fortes de fim de ano: é preciso persistência, doses de respirações profundas e muita paciência.

No ruge-ruge do dia que todo dia se repete, quase deixei de assinar um documento importante, sabe quando você está sem paciência, aquela mesma citada, que se faz preciso ter? Você olha, mas não enxerga, sobra um monte de coisas e falta a bendita mansidão. Olha o bloco da ansiedade aí, minha gente.

Pois bem!

Naquela manhã, resolvi ler o e-mail que havia chegado, o qual eu evitava enxergar e apenas via, e adivinha?

Era o dito-cujo do documento, quando liguei o nome ao que lia. Pronto! Fiquei boquiaberta com a tamanha desatenção daqueles dias loucos que permearam reformas no apartamento e a convivência minimamente sã em meio ao caos de uma obra.

A mesma atitude de olhar, mas não enxergar, tenho tido com os cabelos esvoaçantes e a franja, agora crescida, que insiste em ficar do jeito que quer, ó céus!

Então, me peguei pensando, tenho um crédito para agir no piloto automático, - narrador: “com ‘piloto automático’ ela quis dizer rotina”. Não gosto de agir assim, mas atire a primeira pedra quem vez ou outra não se pega soterrada por ela.

Como já disse, textos atrás, tem dias que só dá certo assim.

Moral da história: que voemos, os cabelos que o digam, mas que ainda assim voltemos ao chão.

A casa não-lar

Yasmim Dourado
Ex-Correspondente O POVO

Quando o primeiro lar não é um lar, tenta-se buscar o lar nos outros. Então, vagueia por aí, carregando um olhar infantil e inocente, em busca de um amor insubstituível. Por falta dos amores dos primeiros que deveriam fazê-lo no mundo, tenta construir teus próprios muros de isopor, que se desfazem no primeiro contato com as maldades do ser.

E, aos poucos, os muros tornam-se de tijolos, na tentativa vã de dissipar tanto sentimentalismo, reforçados pelo concreto da decepção em forma de gente que se faz de gentil.

Apesar da rigidez dos exteriores, os cômodos são frágeis, com a estrutura pueril formada por dedos pequenos engatinhando na motricidade motivada pelo afeto escasso. Muito se doa e pouco se ganha, e os cômodos nunca tomam a forma devida.

O ciclo continua entre destruição e reconstrução, mas o temor dos outros vem apenas quando (de repente) se vê fluindo no céu como se fosse um pássaro e atravessando a rua com passo tímido. Afinal, nunca se observa o muro do vizinho para além do olhar.

A casa só se torna uma casa quando se escolhe aqueles que a tornam um lar. E, então, as vinhas cobrem os muros, coloindo com flores da autoestima. E aquela criança volta a seguir a sequência lógica do envelhecimento. O amor da escolha a permite crescer mais que o mundo todo. Das mãos infantis até as senis, tem-se, assim, o lar. O substantivo que só se constrói no coletivo.

Nunca mais vi aquela casa inóspita. As rachaduras cobertas, não mais sozinhas, são amparadas por mãos de cuidado, não capazes de destruir, mas de florescer. Vi(vi), pela primeira vez, a construção de um lar.

Felicidade mesmo assim

Rachel Macedo
Professora

O mundo “se acabando” lá fora, e eu aqui escrevendo que 2025 está sendo um dos melhores anos da minha vida? Sim, eu posso dizer e sentir felicidade dentro do caos. E isso não significa que não existam problemas na minha vida; significa que aprendi que a vida nunca será perfeita, que sempre teremos altos e baixos, mas ainda assim posso sentir que tive um bom ano.

Vivi quase uma vida inteira me escondendo, pois sentia medo de tudo: fazer novas atividades, permitir erros, gostar e sentir orgulho de mim? Era quase impossível. Eu precisei passar por tragédias para começar a cuidar da minha saúde mental e ter coragem de viver. Comecei tentando aproveitar a vida para homenagear meus pais, levados pela pandemia de Covid-19. Foi e ainda é difícil, mas as cores aparecem quando queremos enxergá-las.

Este ano eu comecei a colher os frutos. Estar digitando este texto e ter coragem de compartilhá-lo com outras pessoas tem sido uma das maiores vitórias da minha vida. Participar de corridas, sabendo que não serei a primeira colocada, ou simplesmente sentir paz com os meus sentimentos, está fazendo toda a diferença.

Hoje, e só hoje, posso dizer que estou gostando da minha vida. Gosto dos meus relacionamentos, do meu trabalho, do meu corpo... estou gostando de quem me tornei. Acho incrível sentir isso.

Sou totalmente contra a felicidade tóxica; não estou escrevendo este texto achando que me sentirei assim todos os dias. Porém, tenho consciência de que podemos ser felizes na imperfeição. Eu posso viver dentro de um mundo cheio de problemas, ter uma saúde mental frágil, mas também posso me sentir orgulhosa e feliz por estar aproveitando a vida.

Acho importante viver antes de morrer.

Você olha, mas não enxerga, sobra um monte de coisas e falta a bendita mansidão. Olha o bloco da ansiedade aí, minha gente.

aprendi que a vida nunca será perfeita, que sempre teremos altos e baixos, mas ainda assim posso sentir que tive um bom ano.